



O conceito de representações coletivas em Durkheim

Francesco Andrade Tomei
2º semestre/2013

Roteiro de Atividades Didáticas

Atividade nº1: O conceito de representação

Objetivos:

- Introduzir o conceito de representação para os alunos, explicitando as diferenças para com a realidade e como ele é a única maneira de conhecimento desta.

Previsão de desenvolvimento: 1 aula de 45 minutos.

Recursos necessários:

- Data show e computador para a exibição dos dois quadros.
- Apresentação de Slides contendo as obras do pintor belga René Magritte *A traição das imagens* (1928-29) e *Dois mistérios* (1966).

Dinâmica proposta:

Propomos que o professor comece a aula com uma breve introdução sobre o artista e o movimento surrealista. Nisso, enfatizando os aspectos inovadores dos quadros surrealistas, como suas composições inesperadas e muitas vezes cômicas e a uso de texto nos quadros.

O movimento surrealista foi iniciado por André Breton em 1924 com a publicação do *Manifesto Surrealista* e teve por auge as décadas de 1920 e 1930, principalmente na França. Ele foi importante especialmente na pintura (com seus expoentes Salvador Dali e Max Ernst) e na literatura (com André Breton e Luis Aragon), mas também se desenvolveu no cinema, na fotografia, no teatro etc. O movimento tentou refundar os valores estéticos, morais, políticos e filosóficos, tentando introduzir os conceitos da psicanálise freudiana e dando espaço para a irracionalidade, tanto nas composições, quanto nas temáticas de suas obras, o que se expressa em um descrédito da forma e em composições que mesclam objetos, a princípio, sem



nenhuma ligação¹. O caráter inovador surrealista se dá principalmente nesses novos valores na composição, do que propriamente nas técnicas pictóricas, que não foram tão inovadas e se assemelham muito as utilizadas pelo Dadaísmo.

René Magritte foi um pintor belga, nascido em Lessines em 1898, foi um famoso pintor belga surrealista, que inicia sua carreira na década de 1920 ao adentrar na escola de Belas Artes de Bruxelas. Ele se muda para Paris em 1927, onde sofre grande influência dos pintores surrealistas que marcaram toda sua obra. Sua pintura, muito acadêmica, prima pela reprodução visualmente próxima dos objetos, mas se interroga sobre suas relações enquanto ideias dispostas em um quadro. Ele ficou famoso por suas composições peculiares como *A traição das imagens*, que sugerimos para essa atividade. Ele morre, em Bruxelas, de um câncer em 1967.

Depois, o professor exibiria a obra *Traição das imagens* com a devida tradução da inscrição (« Isso não é um cachimbo ») e pediria para os alunos que descrevessem o que veem.

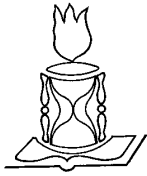
Perguntas para os alunos

- Como interpretar a frase « Isso não é um cachimbo » escrita abaixo do cachimbo no quadro *Traição das imagens*
- Como compreender o título da obra *Traição das Imagens*?
- Se não se trata, portanto de um cachimbo, como compreender o que o quadro tenta reproduzir?

Apresentação do outro quadro, mostrando como ele não trata de um tema original, mas reforçam e ilustram a proposta presente no primeiro quadro, através de uma narrativa em abismo.

Pode-se aí também discutir aspectos formais das obras propostas, entre eles, como a composição de *Dois mistérios* é didática, ao apresentar tanto o cachimbo fora da tela (que não deixa de ser uma representação) e o cachimbo dentro de um quadro. Isso explicita a ideia proposta, ou seja, que a obra de arte é mera representação do real e, portanto destituída de

¹ Para mais informações sobre o Surrealismo ver. O dicionário da pintura moderna ou ARGAN. G. *Arte Moderna – Do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. pp.360-368



suas características físicas essenciais (não podemos fumar no cachimbo representado). Outro aspecto imagético que pode ser utilizado é apontar como o realismo na reprodução do cachimbo em *Traição das Imagens*, reforça que mesmo a mais perfeita representação não consegue reproduzir os aspectos físicos fundamentais do objeto.

Perguntas para os alunos:

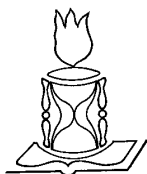
- Há outros exemplos, fora os quadros onde vemos representações – imagens físicas ou mentais- e não o objeto verdadeiro?
- Vocês conseguem pensar em algum objeto sem criar uma imagem dele na cabeça de vocês?

Assim, tentar-se-ia encaminhar a discussão para mostrar como as representações são parte fundamental da vida em sociedade, pois só se pode comunicar através dessas representações, que são compartilhadas por todos nós.

Se sobrar tempo, talvez pudéssemos utilizar como último modelo, a discussão sobre a língua, como melhor exemplo desse sistema de conceitos compartilhados. Para tanto, será utilizado o quadro *A traição das imagens*, o professor deve comentar que ele só faz sentido, ao compreendermos sua inscrição. Ora, tal compreensão só se dá através da linguagem. O choque da imagem verossimilhante de um cachimbo com a negação escrita só é compreensível por dois motivos: a linguagem é uma série de representações compartilhadas, porém é claramente social, já que mesmo sendo compartilhada, só faz sentido para um grupo específico. O melhor exemplo é que não é possível compreender plenamente o quadro se não traduzir a frase do francês para o português.

Material complementar para o professor:

Como bibliografia complementar para auxiliar o professor nessa atividade, sugerimos o excelente livro de Michel Foucault, *Isto não é um cachimbo: sobre Magritte* de 1968.



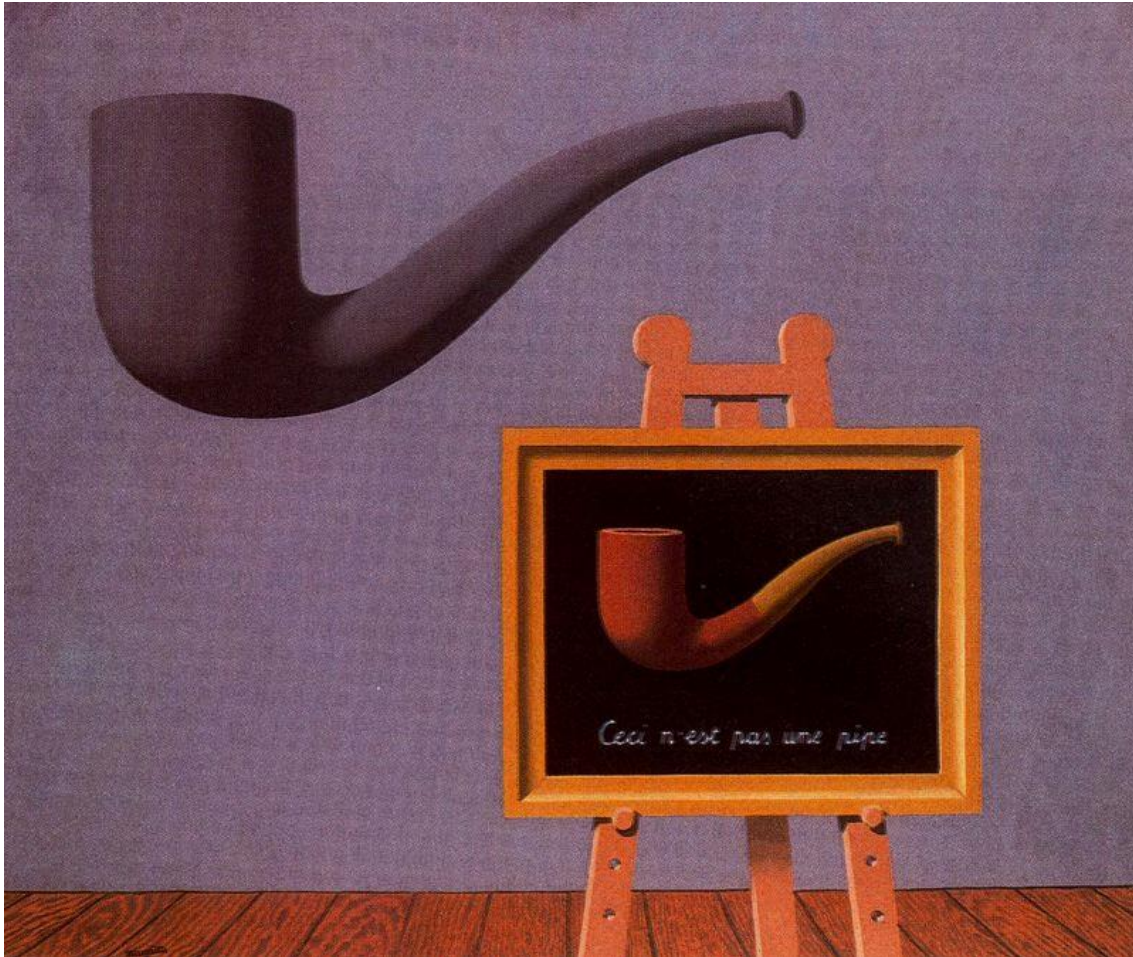
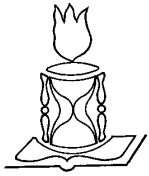
Quadros para a Atividade nº1



La trahison des images [Ceci n'est pas une pipe] (A traição das imagens [Isso não é um cachimbo]) 1928-29

René Magritte (Bélgica, 1898-1967)

Óleo sobre tela
60.33 x 81.12 cm



Les deux mystères (Os dois mistérios)

René Magritte (Belgíca, 1898-1967)

Óleo sobre tela

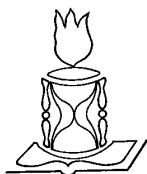
65 x 80 cm

Atividade nº 2: A distinção entre as representações individuais e as representações coletivas.

Objetivos:

- Esclarecer para os alunos as distinções entre as representações coletivas e as representações individuais, segundo Durkheim. Com isso, enfatizar principalmente a variabilidade e a contingência das representações individuais e por outro lado, mostrar como as coletivas são coercivas, porque são gerais e anteriores aos indivíduos que as usam.

Tempo de desenvolvimento: 2 aulas de 45 minutos.



Aula nº1: Representação individual

Recursos necessários:

- Cópias do trecho do livro *à procura do tempo perdido* de Marcel Proust. Sugerimos um trecho da nova tradução feita por Mario Sergio Conti e publicado na revista Piauí, nº76 e disponível no site da mesma: <http://revistapiaui.estadao.com.br/educacao-76/ficcao/madalenas-idas-e-vivas>

Dinâmica proposta:

Sugerimos uma breve recapitulação da aula anterior, lembrando a definição proposta para representação, logo em seguida mostrar que nesta aula se tratará de um tipo específico de representação.

Como o texto é um tanto longo, propomos duas sugestões. Ou se dá o texto na aula anterior para leitura em casa, ou se tenta extrair uma parte ainda menor do texto e se lê em sala de aula². Considerando a segunda opção, propomos que após uma breve explicação do autor e um breve resumo da obra, o docente pede que os alunos leiam em voz alta o texto.

Antes do debate, sugerimos que o professor peça aos alunos que façam uma releitura, sublinhando os termos que mostram o local, a intensidade, a duração da sensação e as imagens evocadas pelas madalenas banhadas no chá, assim como os pronomes possessivos. Por se tratar de uma imagem extremamente particular, indicada tanto pelo excesso de referências à primeira pessoa, como pelas particularidades dos dados pessoais do narrador, vemos que se trata de uma experiência individualizada e sem possibilidade de ser generalizada para um grupo social.

Perguntas para os alunos:

- Como se origina essa sensação do narrador? Essa sensação é neutra? Desprovida de qualquer valor ou sentimento?
- Vocês já tiveram alguma recordação comendo ou fazendo algo específico? Se sim, o que?
- Essa recordação ou sensação que vocês tiveram, acontece com muita frequência? Ela é sempre a mesma?

² Por se tratar de um autor reconhecidamente difícil e de um texto um tanto longo, talvez a melhor solução seja a leitura dos dois últimos parágrafos com os alunos em sala de aula. O trecho que começa com: "E de



A partir das respostas dos alunos, o professor tenta apresentar para eles as características fundamentais de uma representação individual: sua particularidade e seu caráter totalmente contingente - ela provém quase que do acaso - e não é incentivada pela sociedade com certa frequência. Finalmente, se pode abordar o fato de só compreendemos essa representação tão particular da infância de Proust, porque ele a descreve através de um conjunto de conceitos socialmente compartilhados que é a língua portuguesa.

Texto proposto para leitura

Fazia já muitos anos que, de Combray, tudo o que não era o teatro e o drama de me deitar não existia mais para mim, quando num dia de inverno, ao voltar para casa, como minha mãe visse que eu tinha frio, contra o meu hábito ofereceu-me um pouco de chá. A princípio recusei e, não sei por que, voltei atrás. Ela mandou buscar um desses bolinhos curtos e fofos chamados Pequenas Madalenas, que parecem ter sido moldados na valva estriada de uma concha de são Tiago. E então, maquinalmente, abatido pelo dia sombrio e a perspectiva de um triste amanhã, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas, no mesmo instante em que a colherada misturada com migalhas do bolo tocou meu palato, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Um prazer delicioso me invadira, isolado, sem a noção da sua causa. Ele imediatamente me tornou as vicissitudes da vida indiferentes; seus desastres, inofensivos; sua brevidade, ilusória, do mesmo modo que o amor opera, enchendo-me de uma essência preciosa: ou melhor, essa essência não estava em mim, ela era eu. Cessei de me sentir medíocre, contingente, mortal. De onde poderia ter vindo essa poderosa alegria? Sentia que ela estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas o ultrapassava infinitamente, não devia ser da mesma natureza. De onde vinha ela? O que significava? Onde apreendê-la? Bebo um segundo gole no qual nada encontro a mais que no primeiro, um terceiro que me traz um pouco menos que o segundo. É tempo de parar, a virtude da bebida parece diminuir. É claro que a verdade que procuro não está nela, mas em mim. Ela a despertou, mas não a conhece, e só pode repetir indefinidamente, cada vez com menos força, esse mesmo testemunho que não sei interpretar e que quero ao menos lhe pedir de novo e reencontrar intacto logo em seguida, à minha disposição, para um esclarecimento decisivo. Pouso a xícara e me volto para meu espírito. Cabe a ele encontrar a verdade. Mas como? É grave a incerteza todas as vezes que o espírito se sente ultrapassado

repente a lembrança me surgiu.” e vai até o fim do trecho. É bem ilustrativo, pois descreve claramente como a madalena banhada no chá fez surgir uma imagem e sensações individuais não estimuladas socialmente.

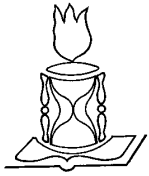


por si mesmo; quando aquele que procura é ao mesmo tempo a região obscura onde deve procurar e onde toda a sua bagagem não lhe servirá para nada. Procurar? não apenas: criar. Ele está diante de alguma coisa que ainda não existe e que só ele pode tornar real, e depois fazer entrar na sua luz.

E recomeço a me perguntar qual poderia ser esse estado desconhecido, que não me apresentava nenhuma prova lógica da sua felicidade, e sim a evidência da sua realidade, ante a qual as outras desapareciam. Quero tentar fazê-lo reaparecer. Retrocedo pelo pensamento ao momento em que tomei a primeira colher de chá. Reencontro o mesmo estado, sem um esclarecimento novo. Peço a meu espírito um esforço a mais, que me traga outra vez a sensação que escapa. E para que nada quebre o impulso com que ele vai tentar recuperá-la, afasto todo obstáculo, toda ideia alheia, protejo meus ouvidos e minha atenção dos ruídos do quarto ao lado. Mas ao sentir que meu espírito se cansa sem conseguir, eu o forço no sentido contrário: a aceitar a distração que lhe negava, a pensar noutra coisa, a se refazer antes de uma tentativa suprema. E uma segunda vez cavo um vazio diante dele, reponho na sua frente o sabor ainda recente daquela primeira colherada, e sinto estremecer em mim alguma coisa que se desloca, gostaria de subir, alguma coisa que teria se soltado a uma grande profundidade; não sei o que é, mas ela sobe lentamente; sinto a resistência e escuto o rumor das distâncias atravessadas.

Por certo o que palpita assim no fundo de mim deve ser a imagem, a lembrança visual que, ligada a esse sabor, tenta segui-lo até chegar a mim. Mas ela se debate demasiado longe, de modo demasiado confuso; mal percebo o reflexo neutro onde se confunde o inalcançável turbilhão de cores misturadas; mas não posso distinguir a forma, pedir-lhe, como ao único intérprete possível, que me traduza o testemunho de seu contemporâneo, do seu inseparável companheiro, o sabor, pedir-lhe que me ensine de qual circunstância particular, de qual época do passado se trata.

Chegará à superfície da minha consciência clara essa lembrança, o instante antigo que a atração de um instante idêntico veio de tão longe solicitar, emocionar, levantar no mais fundo de mim? Não sei. Agora não sinto mais nada, ela parou, recaiu talvez; quem sabe se não reemergirá nunca mais da sua noite? Dez vezes preciso recomeçar, me debruçar rumo a ela. E todas as vezes a covardia, que nos desvia de toda tarefa difícil e de toda obra importante, me aconselhou a deixar isso de lado, a beber meu chá pensando simplesmente nos meus aborrecimentos de hoje e nos meus desejos de amanhã, que se deixam ruminar sem custo.



E de repente a lembrança me surgiu. Aquele gosto era o do pedacinho de madalena que nas manhãs de domingo em Combray (pois nesse dia eu não saía antes da hora da missa), quando ia lhe dar bom-dia no quarto, minha tia Léonie me oferecia depois de molhá-lo na sua infusão de chá ou detília. A visão da pequena madalena não me recordou nada antes de tê-la experimentado, talvez porque, tendo-a percebido com frequência depois, sem comê-la, nas prateleiras de confeitários, a imagem dela deixou aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes; talvez porque dessas lembranças, durante tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo se degradara; as formas – e também a da pequena concha de confeitaria, tão gordurosamente sensual no seu pregueado severo e devoto – tinham sido abolidas ou, adormecidas, haviam perdido a força de expansão que lhes teria permitido alcançar a consciência. Mas quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, solitários, mais frágeis, mas mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odor e o sabor restam ainda por muito tempo, como almas, a recordar, a aguardar, a esperar, sobre a ruína de todo o resto, a carregar sem vergar, sobre a sua gotinha quase impalpável, o edifício imenso da lembrança.

E assim que reconheci o gosto do pedaço de madalena molhado no chá que minha tia me dava (ainda que não soubesse e devesse deixar para bem mais tarde descobrir por que essa lembrança me fazia tão feliz), logo a velha casa cinza de frente para a rua, onde estava o quarto dela, surgiu como um cenário de teatro e se aplicou ao pequeno pavilhão dando no jardim, construído atrás para os meus pais (esse pedaço truncado que era o único que eu revira até então); e com a casa, a cidade, desde a manhã até a noite e por todos os tempos, a praça aonde me mandavam antes do almoço, as ruas onde ia comprar coisas, os caminhos que pegávamos se o tempo estivesse bom. E como nesse jogo no qual os japoneses se divertem, pondo numa bacia de porcelana cheia d'água pedacinhos de papel até então indistintos que, ao serem mergulhados, logo se estiram, se contorcem, se colorem, se diferenciam, tornam-se flores, casas, personagens consistentes e reconhecíveis, e assim agora todas as flores do nosso jardim e as do parque de monsieur Swann, e as ninfeias do rio Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas casas, e a igreja e toda Combray e seus arredores, tudo aquilo que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, da minha xícara de chá.



Aula nº2: A representação coletiva

Recursos necessários:

- Cópias dos trechos selecionados abaixo da Constituição Federal do Brasil de 1988. Uma versão completa da constituição pode ser encontrada no site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Constituição da República Federativa do Brasil

Preâmbulo

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

(...)

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

- I.** construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- II.** garantir o desenvolvimento nacional;
- III.** erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV.** promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

(...)

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

- I.** homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;
- II.** ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;
- III.** ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
- IV.** é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

(...)



XLVI. a lei regulará a individualização da pena e adotará, entre outras, as seguintes:

- a) privação ou restrição da liberdade;
- b) perda de bens;
- c) multa;
- d) prestação social alternativa;
- e) suspensão ou interdição de direitos;

XLVII. não haverá penas:

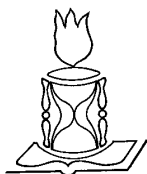
- a) de morte, salvo em caso de guerra declarada, nos termos do art. 84, XIX;
- b) de caráter perpétuo;
- c) de trabalhos forçados;
- d) de banimento;
- e) cruéis;

Dinâmica proposta

Nesta aula, sugerimos que o professor comece introduzindo rapidamente o contexto de criação da Constituição de 1988, para após pedir aos alunos que leiam os diversos trechos selecionados e depois da leitura de cada trecho, ele comente com eles o que foi lido. Cada parte selecionada foi escolhida pensando em uma das características das representações coletivas abordadas no texto teórico³, logo, o professor pode preferir focar em alguns deles, mais do que nos outros. Sugerimos, além disso, que o professor enfoque que se trata de um documento relativamente antigo, anterior ao nascimento de seus alunos, mas que ainda é válido, e provavelmente continuará para as gerações futuras.

Também é interessante ressaltar como essa constituição é, às vezes, contrária aos nossos interesses particulares, e como as representações coletivas vão contra as nossas vontades. Ao reforçar seu caráter geral e coercitivo, podemos dizer que tais representações coletivas entram em conflito com as representações e vontades individuais, por isso a necessidade de se estabelecer formas de punição específica. Após a discussão dos trechos, o professor explicaria aos alunos que por ser uma representação coletiva, criada a partir de um intenso debate, no qual toda a sociedade toma parte, essa representação tem maior força e, portanto, pode se impor sobre os outros indivíduos.

³ Respectivamente, o primeiro trecho exemplifica da origem social dessa representação, o segundo de seu caráter normativo, o terceiro de seu aspecto geral e o último trecho de seu aspecto coercitivo.



Perguntas aos alunos:

- Vocês conhecem outros tipos de representações coletivas que são tão duradouras e têm uma influência muito forte na vida das pessoas?
- Vocês conseguem pensar em alguma representação coletiva que influencie na vida de vocês?
- Toda representação coletiva precisa necessariamente estar escrita?
- Como se conseguem manter o poder dessas representações coletivas?

O professor pode trazer para a discussão, com essas perguntas, a importância de grupos sociais intermediários (as religiões, os grupos étnicos de um país, os jovens etc.) e também introduzir rapidamente a importância da educação (escolar e não escolar) para o aprendizado desses valores socialmente aceitos.

Atividade nº3: As representações coletivas como objeto de estudo da Sociologia

Tempo de desenvolvimento: 3 a 4 aulas.

Objetivos:

- Introduzir o conceito de fato social para os alunos e mostrar como a sociologia durkheimiana tem por estudo a gênese e o funcionamento dessas representações coletivas;
- Incentivar os alunos a realizarem uma breve pesquisa para verificar o aprendizado do conceito de representações coletivas e introduzir a ideia de sua transmissão pela sociedade para seus membros.

Aula nº1: O conceito de fato social e sua semelhança com as representações coletivas

- Apresentar o conceito de fato social para Durkheim e mostrar como ele é o objeto de estudo da sociologia e mostrar como as representações coletivas são fatos sociais por excelência.

Recursos necessários:

- Aparelho de TV e/ou tela ligada a um computador.



- O vídeo produzido pela UnivespTV « Clássicos da Sociologia : Emile Durkheim », com participação dos professores Raquel Weiss e Gabriel Cohn, duração de 18 minutos. Ele pode ser encontrado no Youtube através do link:

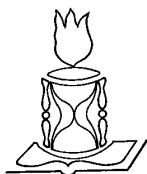
<http://www.youtube.com/watch?v=SMaxxNEq7U>

Dinâmica proposta

O professor pode introduzir a aula pensando com os alunos tudo o que foi visto anteriormente: ou seja, o que é uma representação e as diferenças entre as representações individuais e coletivas, tal como a duração, o poder coercitivo e a generalidade das representações coletivas. A partir daí, ele exibiria o filme que trata de dois assuntos fundamentais e serão desenvolvidos no resto da sequência: a definição de fato social e a importância da socialização para o aprendizado dessas representações coletivas.

Indicamos que o professor trabalhe, no restante da aula, o conceito de fato social e tente mostrar como ele abarca a ideia das representações coletivas e como a sociologia é o estudo, tanto da gênese, como do funcionamento e da reprodução dessas representações. Neste sentido, mostrar como os três aspectos do fato social: a exterioridade, a coercitividade e a generalidade são muito próximos das características fundamentais das representações coletivas. Para isso, sugerimos que a outra metade da aula seja expositiva, baseada, sobretudo no texto teórico.

Aconselhamos que se leia principalmente os itens II e III do texto teórico, que apresentam as características das representações coletivas, a definição de fato social e como a partir do prefácio de 1901, a aproximação dos conceitos de fato social, representação coletiva e instituições é uma maneira de abarcar, tanto as crenças da sociedade, quanto suas práticas, e finalmente introduzir aos alunos a importância dessa mudança teórica para os estudos durkheimianos posteriores, e como este conceito ajuda a pensar os fenômenos religiosos e educacionais.



Aula n°2: Pesquisa sobre as representações coletivas e sua transmissão.

Recurso necessário:

- Propomos que a aula seja realizada na biblioteca ou em na sala informática do colégio.

Dinâmica proposta

Propomos que o professor divida os alunos em grupos de 4 ou 5 e pensem em um tema de pesquisa, no qual analisariam uma festa típica de um grupo social. Neste trabalho, pedir que eles analisassem as características do grupo social que organiza esta festa (sua história), a história da festa, o significado atribuído pelos membros à festa em questão e finalmente os valores passados nela. Pode-se sugerir que os estudantes trabalhem com festas de imigrantes (europeus, sul americanos ou mesmo de outras regiões do Brasil), festa religiosas, festa cívicas (no caso as comemorações de 7 de setembro ou 15 de novembro) ou até mesmo sobre rituais indígenas.

Aproveitar o resto da aula para acompanhar os alunos à biblioteca ou sala de informática, para que eles comecem a pesquisa e o professor possa orientá-los na busca por material. Dependendo do tamanho dos grupos e do tempo de pesquisa, talvez fosse interessante deixar mais de uma semana para a atividade e que o professor acompanhasse o processo, para que eles compreendam bem a realização do mesmo e a importância das representações, tanto na organização do evento, como o efeito da festa em seus integrantes.

Na semana seguinte, os alunos apresentariam para toda a turma as pesquisas e a partir das exposições, o professor poderia trabalhar com eles a descrição dos fatos observados e a relação que estes fatos estabelecem nas maneiras socialmente determinadas de sentir, agir e pensar a realidade.

Nas apresentações, trata-se, sobretudo, de deixar claro essas diversidades de representações coletivas e como elas são transmitidas durante a preparação da festa e no momento desta. Assim, ao saber os temas dos grupos, o professor poderia realizar uma pesquisa paralela, para ajudar na apresentação.